

AS MARGENS DO DEVANEIO: UMA ANÁLISE DO CONTO “A TERCEIRA MARGEM DO RIO”, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Andréa de Morais Costa BUHLER¹

RESUMO

O presente artigo se a propõe analisar o conto “A terceira margem do rio” de João Guimarães Rosa, tendo em vista a *poesis* do devaneio desenvolvido por Gaston Bachelard. No conto, a imagem do rio, representada em suas três margens através das águas que se projetam, aparece como o grande símbolo da universalidade. Trata-se da epifania de um mistério que revelando estados de uma alma em devaneio, tece arte e vida numa conjunção de integralidade, força e beleza.

PALAVRAS-CHAVE: Guimarães Rosa, imagem, rio, devaneio, símbolo, universalidade.

ABSTRACT

The present article proposes to analyze the short story “The third Bank of River” written by Guimarães Rosa, having in sight the day-dreaming poetry developed by Gaston Bachelard. In the short story the image of the river representing its three banks through the water which are projected appears as a great symbol of universality. It is about the epiphany of a mystery which reveals the state of a day-dreaming soul, weaves art and life in a conjunction of integrality, force and beauty.

KEYWORDS: Guimarães Rosa, image, river, day-dream, symbol, universality.

A poética rosiana é aquela cuja força imaginante abre-se em dois sentidos: no sentido do aprofundamento e no sentido do devaneio. No que se refere ao aprofundamento, ela escava o fundo do ser e aparece em sua insondabilidade, em seu mistério. No sentido do devaneio, surge como força inexaurível, como milagre. Pretendemos, pois, desenvolver a análise do conto “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa, a partir das compreensões da *poesis* do devaneio desenvolvida por Gaston Bachelard.

“A terceira margem do rio” é uma bela representação das interfaces entre a arte e a vida, em que uma e outra se nutrem, se confundem, se misturam e se fundem num movimento de pura possibilidade de todas as formas a serem criadas, tendo a *poesis* do devaneio como síntese fundante. No conto, o devaneio aparece como uma consciência poética que, evocando uma imaginação aberta, tenciona ao extremo a interioridade de uma vida em sua concretude sofrível para depois, através de um elemento simbólico de fundo maravilhoso, libertá-la do fardo. O símbolo é, pois, a epifania de um mistério. Justamente, “A terceira margem do rio” é este símbolo psicológico essencial que, numa correspondência ontológica com a alma do sonhador, no caso o pai, fá-lo despertar à totalidade de um sentido extraordinário de vida.

Para Bachelard (1986), o devaneio poetizando o sonhador e seu mundo, reúne o ser na consciência do centro de si mesmo, fazendo com que ele se sinta mais do que é. O despertar que se anuncia no cogito do devaneio tem uma dimensão especial que é a possibilidade de atar-se, de imediato, ao objeto, à imagem: “O trajeto é o mais curto de todos entre o sujeito que imagina e a imagem imaginada. O devaneio vive do seu primeiro interesse. O sujeito do devaneio é surpreendido ao receber a imagem; surpreendido, encantado, despertado” (BACHELARD, p. 185). Portanto a imagem do rio representada em três margens é a própria instância constituidora do cogito devaneador do pai. Ou seja, a poesia do objeto transcende o próprio objeto e contamina o seu sujeito anulando as diferenças entre eles. Trata-se de uma imagem dialética paralisada, onde

¹ Doutoranda em Literatura e Cultura – PPGL/UFPB. Orientador: Arturo Gouveia.

poesia e vida se encontram num movimento de busca de felicidade eterna. É, por assim dizer, um instante metafísico que capta a unidade perseguida.

Segundo Bachelard (1986), arte e vida não se encontram na banalidade do factual, pois ambos têm por objetivo alcançar o homem em sua integralidade. Em suas concepções é possível uma aproximação da arte com a alquimia uma vez que as duas recorrem ao símbolo que, por sua ambivalência, é capaz de gerar a idéia do duplo que inspira a alma poética na desobjetificação dos objetos. Essa operação de desrealização da matéria através das forças imaginativas que se concentram na conciliação dos contrários é semelhante ao ouro espiritualizado. O sentido de duplicidade assentado na recorrência ao símbolo traz a matéria misteriosamente viva: “Uma das características do símbolo assim colocado no terreno do ocultismo é a ambivalência” (BACHELARD, 1994, p. 135). O símbolo poético, ao ser deslocado para fora do campo da realidade ordinária, resvala ao mergulhar nos mistérios do oculto. “A terceira margem do rio” é esse símbolo psicológico essencial que projeta for a as imagens primárias de um inconsciente aberto ao devaneio. O rio pertence à geografia íntima do pai. Tem seu lugar no mapa da vontade funda da completude humana.

O cogito devaneador do pai incorpora a ambivalência do drama essencial entre o si mesmo e o mundo, os quais são correlatos à primeira e à segunda margem do rio. A terceira margem constitui o terceiro termo, cuja força sintetizadora capta o indivíduo num movimento criativo de alma nascente, num movimento de integralidade. Também a arte realiza esforço semelhante de síntese. Ela desvela o fenômeno em sua complexidade manifestado em dualidades que se fundam numa necessidade conciliatória dos termos opostos. A imagem de um rio em três margens traz essa visão de universo poético e dos segredos de uma alma, ao mesmo tempo vida e poesia.

Através da compreensão dos três termos correlatos as três margens, é possível estabelecer uma relação análoga com a designação da Tríade naquilo que corresponde ao sentido principal de um termo médio entre o espírito e o corpo. Na tradição extremo oriental, o símbolo da Grande Tríade (GUÉNON, 1957) contém a integralidade da Existência Universal que, polarizada em dois termos complementares – céu e terra -, funda num terceiro termo toda manifestação. E o mesmo se dá com o homem, que não só faz parte dessa manifestação, mas que constitui simbolicamente o próprio centro dela, e por essa razão a sintetiza em sua integralidade. Assim o homem (terceiro termo), colocado entre o céu (primeiro termo) e a terra (segundo termo), é o elemento mediador que os une. Desde então, é possível estabelecer uma correspondência no que se refere, propriamente, a função de mediação do pai entre o mundo espiritual e o mundo corporal. Poder-se-ia, ainda dizer, na esteira de tais compreensões que o pai em seu sábio devaneio, mais que qualquer outro ser, é verdadeiramente o “microcosmos” que em virtude de seu estado intermediário entre os dois mundos, sintetiza o conjunto de toda manifestação “macrocósmica”.

Um rio, cujas margens estão representadas em número de três como síntese de um devaneio cósmico, parece corresponder a uma fórmula esotérica propriamente iniciática. Fica, por sinal, manifesto, quando o filho, ainda que envolvido com a imagem do sonho do pai, recusa-se, contudo, a sucedê-lo. Dispor-se ao devaneio não se aplica ao homem comum. É o pai que, em sua profunda contemplatividade, é chamado a realizar em si mesmo todas as possibilidades. O mundo se apresenta como uma provocação para o pai. Ele o surpreende com suas forças incisivas, com suas forças dirigidas. Trata-se de um papel ativo na compreensão do conhecimento do mundo. Segundo Bachelard:

Não se conhece imediatamente o mundo num conhecimento plácido, passivo, quieto. Todos os devaneios construtivos – e não há algo mais essencialmente construtor que o devaneio de poder – norteiam-se na esperança de uma adversidade superada, na visão de um adversário vencido. Só encontraremos o sentido vital, nervoso, real das noções objetivas fazendo a história psicológica de uma vitória orgulhosa conquistada sobre um elemento adverso. É o orgulho que dá unidade dinâmica ao ser, é ele que cria e alonga a fibra nervosa (1989, p. 166).

O pai suspenso no liso do rio é a um só tempo Não-Ser e Ser. Esse entre-lugar de puro devir que em seu impulso vital perfura a realidade: “Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar” (ROSA, 2001, p.80).

No conto, as águas do rio aparecem como grande símbolo universal de vida, de fecundidade e de fertilidade, “a senhora”, como lhe chamou Bachelard. Em *A água e os sonhos* (1989), o filósofo alude ao poder das águas como porta de entrada para os devaneios: “Certas formas nascidas das águas têm mais atrativos, mais insistência, mais consistência: é que intervêm devaneios mais materiais e mais profundos, e nosso ser íntimo se envolve mais a fundo, e nossa imaginação sonha, mais de perto, com os atos criadores” (BACHELARD, 1989, p. 22).

Assim a água abre as portas à imaginação, ao sonho, ao devaneio. Domínio do imaginário de poderes incontornáveis racionalmente. A água em todas as religiões, mitos e cosmogonias simboliza um elemento de regeneração e de criação: dela nascem os mundos e todas as formas de existência. A água é a matéria prima da vida e sobre ela pairou o espírito de Deus. Na Bíblia e, não só: “E o Espírito de Deus pairava sobre as águas” (Gênesis, 1990, p. 22). A noção de oceano ou águas primordiais é praticamente universal. Parece natural que os povos do Médio Oriente tenham considerado a água em primeiro lugar como símbolo da vida, e é também como senhor da água viva que Cristo se manifesta à Samaritana. Como símbolo da criação as águas participam do devir universal, sendo a um só tempo morte e vida, num movimento de regressão ou cataclismo.

Na composição narrativa, “...o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre” (ROSA, 2001, p.80), solta esses sentidos de sonhos e afetos que incitam à alma devaneadora do pai à realização integral de sua humanidade, naquele sentido de cifra iniciática de vida-morte-vida simbolizada pelo sagrado das águas.

Estar no invariável meio das águas, na terceira margem do rio, para nunca mais deixá-lo, permite, a um só tempo, distância e aprofundamento do mundo, a visão da margem ou o infinito. Contemplar as águas encharcando-se dela em profunda intimidade até fundir-se alma e coisa é retornar às origens, carregar-se de novo na imagem do Verdadeiro Ancestral. É ele que, unindo potência e ato, realiza a integralidade das possibilidades que é a condição mesma do homem verdadeiro. Entenda-se homem verdadeiro como homem primordial, no sentido de que sua condição é a que era natural à humanidade em suas origens e da qual esta se afastou pouco a pouco, durante seu ciclo terrestre, para chegar ao estado onde está atualmente o que podemos chamar “homem comum” e que é apenas, propriamente, o homem decaído preso a uma temporalidade factual.

Na narrativa o pai aparece nesta relação de uma consciência que evolui e rompe com a horizontalidade do tempo histórico-profano. De “homem cumpridor, ordeiro, positivo” (ROSA, 2001, p.79), o pai afunda nas águas do devaneio cósmico, onde o seu próprio tempo não corresponde ao tempo da vida, mas a “trans-vivência” de um tempo cósmico-sagrado.

Bachelard (1994), em sua obra *A dialética da duração* investiga a noção de verticalidade do tempo poético que se dá sobre um eixo diferenciado daquele no qual a vida escorre artificialmente enquanto realidade. Ou seja, o tempo vertical do poético recusa o tempo horizontal, organizado enquanto duração.

No conto, o filho, aprisionado ao tempo horizontal, ordena-o segundo o princípio de continuidade numa cadeia de superposições. Para ele o tempo corre numa fatalidade devoradora de “tempo vivido”. Ao contrário, o pai navegando seu sonho, desordena os tempos superpostos: “De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos **sem fazer conta do se-ir do viver**” (ROSA, 2001, p.82, grifo nosso).

Esse não se dar conta é o estado onírico por excelência é “o não saber se o coração bate, se a alegria impele...” (BACHELARD, 1986, p. 183). Depois disso e só assim: “atinge-se a referência auto-sincronica, o centro de si mesmo, sem vida periférica – o tempo não corre mais, jorra” (BACHELARD, 1986, p. 185).

O filho, ao contrário, preso à horizontalidade da “vida periférica”, é incapaz de tomar o lugar de sonhador do pai nas águas da infinidade dos possíveis. No entanto, ainda que vivendo em “rasos mundos”, o filho põe-se consciente da beleza encantatória do devaneio do pai e, reivindica

para si, mesmo que no “artigo da morte”, a potencialidade de sonhar, isto é, de um viver pleno em rio profundo:

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem depois deste falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio (ROSA, 2001, p.85).

Nenhuma imagem poderia ser mais impressionante e sintetizadora dos mistérios e segredos de uma alma do que um ser suspenso na terceira margem de um rio. O rio calado e fundo em suas águas é essa aventura do inconsciente que se move na noite de uma alma sob um tempo vertical, através do qual o ser mais disperso, mais desunido, conquista a unidade.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. São Paulo: Difel, 1986.
_____. *A dialética da duração*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994.
_____. *A água e os sonhos*. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
Bíblia Sagrada. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Edições Paulinas, 1990.
GUÉNON, René. *A grande tríade*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 1957.
ROSA, J. Guimarães. A terceira margem do rio. In: *Primeiras histórias*. 50. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.